

‘Melhor seria reduzir gastos públicos’

Para diretor da Fitch, investimentos são parte importante do superávit primário

A proposta de excluir os investimentos públicos em infra-estrutura dos cálculos do superávit primário agradou a empresários do setor, mas não empolgou economistas do mercado. Para eles, a melhor solução seria diminuir os gastos correntes do País – hoje em nível bastante elevado. “Em vez de excluir os investimentos públicos, seria melhor encontrar maneiras de protegê-los. Na busca da meta do superávit, ao invés da exclusão dos investimentos, seria melhor a redução do consumo público”, afir-

mou o diretor-sênior para Finanças Públicas da agência de classificação de risco Fitch Ratings, Richard Fox.

Ele manifestou grande cautela com a decisão do FMI de iniciar projetos piloto com alguns países, entre eles o Brasil, para estudar a viabilidade da proposta. “A princípio, considero errada a medida. Superávit primário é superávit primário e os investimentos públicos são parte fundamental dessa equação. Acho difícil que o Brasil convença os mercados do contrário.”

Na avaliação do economista José Augusto Savasini, sócio da consultoria Rosenberg & Associados, o importante para o mercado é saber se o governo terá condições de honrar sua dívida ou não. “Se gastar

mais do que pode, o País sinaliza que está diminuindo poupança e, com isso, eleva o risco país e as taxas de juros, essenciais para a rolagem da dívida.”

No setor de infra-estrutura, no entanto, a expectativa é que a medida traga novos investimentos. “Considero a mudança positiva. Mas precisa estar em linha com o cenário macroeconômico e o perfil do endividamento do País”, afirma o presidente da Associação Brasileira de Infra-Estrutura e Indústrias de Base (Abdib), José Augusto Marques. Segundo ele, a medida também poderá dar impulso ao programa de Parceria Público-Privada (PPP), que precisará de um fundo garantidor. (João Caminato e Renée Pereira)